

Nasci em 10 de março de 2018

Peso 3,640 kg

Tenho 22 cm altura

45 cm de comprimento

Sou da raça shih-tzu

Sou filho de Lorenzo Blua e Meg Blua.

Meus tutores são Ulisses Pinto e Adelene de Moura.

Olá!!!

Eu sou o Fred.

Escrito por:
Ulisses Pinto.

COLABORAÇÃO:
Adelene de Moura.
(Professora de libras, História e educação especial).

REVISÃO:
Professora. Marlene.

HISTÓRIA:
O cão da raça shih-tzu e sua linda
História de amor
Pelos
Seus donos aos quais ele chama
de pai amigão
e mãe amigona.

CONTRIBUIÇÃO:
De seus tutores.
Ulisses e Adelene e de seus grandes amigos,
Mencionados nesta história.

CIDADES CITADAS:
São Paulo, Curitiba, Jundiaí.

PROTAGONISTA:
O pet Fred

NARRAÇÃO:
Ulisses Pinto (o autor)

Olá!
Eu sou o Fred



E essa é minha história.

AGRADECIMENTOS.

Primeiro a Deus, pela graça e honra de poder ouvir, falar, andar, sorrir, dormir, acordar, trabalhar, comer, beber, viver e ser feliz. E por ter a companhia do Fred.

Um agradecimento especial aos nossos pais: Moyses e Maria (Ulisses); João de Moura e Alice de Moura (Adelene,) por dar-nos a vida.

Com muito orgulho, queremos aqui fazer um agradecimento carinhoso, a todos que emprestaram seus nomes, sendo pet e humanos, para esse nosso trabalho.

Se, por acaso, esqueci algum nome, peço humildemente, desculpas.

Quero deixar bem claro, aqui, que foi uma honra para nós, contar com pessoas e pets maravilhosos, que só fez enriquecer esta história.

Este trabalho que você, leitor, começa a ler agora, acredite, foi feito com muito carinho, para contar esta história, que tenho certeza de que vão gostar e aprender um pouco mais sobre estas coisinhas lindas, que são os pets.

Porque esta é a história do “Fred”.

Ah! Esta é uma história real, contada em seus mínimos detalhes.

Eu sou o Fred.



Naquela casa modesta, onde moravam meus queridos pais, um lugar bem simples e humilde, mas, que não tinha nenhum demérito morar ali, dias, meses e anos; aquela era a residência deles. Com tempos de chuva, sol, frio ou calor, nada disso fazia diferença; dormiam e acordavam sempre felizes, como diz o velho ditado: “é o que tem para hoje”. E assim era a casa de papai e mamãe.

Mas, naquela bela manhã, o dia começava com uma novidade: primeiro, depois de dias chuvosos, o sol começava a brilhar lá de trás do horizonte, timidamente e, aos poucos, dava as caras, querendo dizer “eu cheguei”. O Sol, com seu belo clarão avermelhado, prometia ser um dia quente e céu limpo, depois de ter findada uma noite chuvosa, com raios e trovões. O que, para muitos, seria mais um dia comum, como tantos outros. Mas, para a

cadelinha Meg Blua, da raça shih-tzu, que se contorcia com as dores do parto, o dia prometia ser difícil, cansativo e doloroso. Porém, a frágil cadelinha sabia que, depois da tempestade viria a bonança, e a felicidade de ser mãe, mais uma vez, estava por minutos para acontecer.

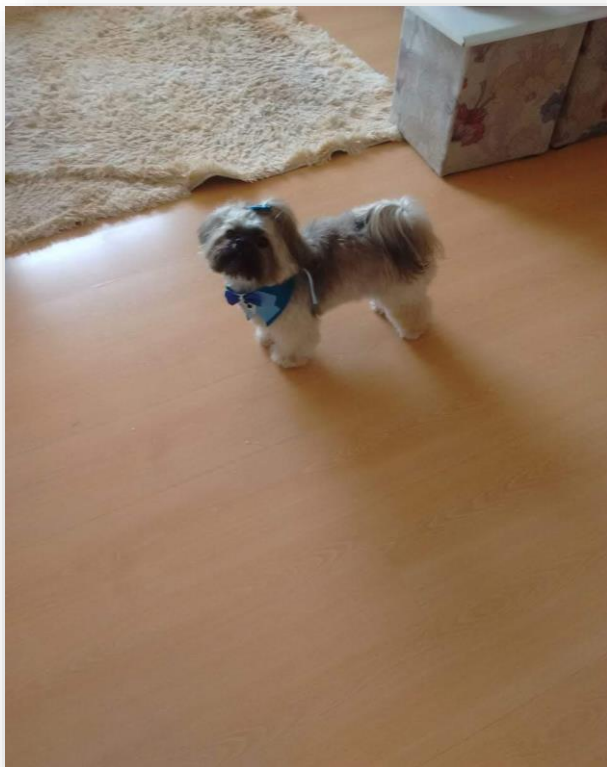
Aquele lugar, mais precisamente aquele quintal, lugar simples e humilde, em um cantinho solitário, Meg sofria se contorcendo com a dor do parto, um parto difícil. Lorenzo, o companheiro e marido, prestes a ser pai, naquelas horas, tinha saído não se sabe a que horas, para dar suas tradicionais voltas costumeiras, de todos os dias. “Meg estava sozinha”.

Sábado, dez de março do ano de 2018, não se sabe exatamente a hora, sabe-se apenas, que o dia tinha amanhecido há pouco e a temperatura estava mais amena, por enquanto, pois ainda era muito cedo e, mesmo sendo inverno, o calor do meio-dia certamente seria bravo, pois era assim que os meteorologistas previam, com pancadas de chuva à tarde ou à noite, com temperatura agradável pela manhã e bastante quente à tarde.

O sofrimento, as dores, o parto, e, em seguida, a felicidade tomou conta do quintal, onde mamãe Meg e papai Lorenzo moravam. Foi neste lindo e inesquecível dia, que minha mãe me trouxe ao mundo. (10/03/2018).

Como disse, foi um parto difícil, eu fui o terceiro a nascer, de uma ninhada de três cachorrinhos lindos! Quer dizer de dois cachorrinhos lindos e um mais ou menos kkkkkkk. (Eu).

Este, mais ou menos, era justamente eu, não sei se foi porque fui o último a nascer, sei que meus dois irmãos nasceram quase ao



Olhe nos olhos de um cão e perceba de onde vem todo amor.

mesmo tempo... eu demorei um pouquinho mais, mesmo assim vim ao mundo com saúde, não muito forte, mesmo porque os meus irmãos nasceram bem maiores e mais fortes que eu. Mas eu nasci belo, formoso e com saúde.

Uma coisa me chamou a atenção, logo de cara, quando eu nasci. Assim que abri meus olhos, percebi alguma coisa diferente, vi que a pelagem dos meus irmãos era diferente da minha, eles tinham puxado a cor dos pelos dos nossos pais, eu nasci com pelagem com a tonalidade diferente, não entendia o porquê dos meus pelos diferentes. Claro que era uma bobagem minha pensar assim, mas, não deixava de ser um pouco curioso. Não entendi nada e para mim estava tudo certo, o que, de verdade, não havia nada para eu me preocupar, afinal de contas, que diferença fazia ser de pelagem marrom e meus irmãos de pelos na cor do meu papai e mamãe; os meus pelos eram tão bonitos quanto aos deles, essa era a verdade.

Ah, mas de uma coisa eu tinha certeza, meus pais eram de sangue puro, eram da raça shih-tzu e eu, claro, nasci com pedigree, uma família de raça, sem mistura. Não que eu tenha algum tipo de preconceito por outras raças, longe disso, é que ser do mesmo sangue de papai e mamãe me parecia bem bacana, carregar o DNA da família me deixava muito orgulhoso.

Sabe, mas isso não me importava: cor, raça, etiqueta, nada disso, o que me importava, era que tinha dois irmãos e uma mãe ali, pertinho de mim... meu pai sempre estava meio ausente, todos os dias dava umas voltas e depois voltava com o rabinho debaixo

das pernas, olhava para minha mãe, com a cara mais deslavada, fingindo que nada estava acontecendo, depois lambia eu e meus irmãos, de uma forma carinhosa; era o jeito dele de nos dizer: - te amo. Então, se deitava ali perto, dormia com a gente e, no outro dia, lá ia ele dar seus perdidos de novo. Sabemos lá quantos irmãos eu tenho perdidos por aí, por parte do meu pai. Mas, acreditem, era um cara legal, que tinha muito carinho por nós, a família Blua, de raça 100% shih-tzu.

Esse é papai, senhor Lorenzo, lindão ele, hein? Fala a verdade, um gatão meu pai, ops, gatão não, um cachorrão safado rrsrrsr.



Lorenzo Blua

E essa princesa ai é minha mamãe, uma gatona emmm. Ixxxi gatona também não, uma bela cachorrona rrsrrsr.

Senhora Meg Blua, linda e amada, senhor Lorenzo Blua, tenho um orgulho enorme desta coisa mais fofa, minhas doces

"As únicas criaturas que são evoluídas o suficiente para carregar o amor puro, são cachorros e crianças"

paixões. Eu agradeço todos os dias a todos os santos protetores dos caninos, por ter me dado um pai maravilhoso e uma mãe maravilhosa, como estes dois cachorros: Lorenzo & Meg. Saudades.



Meg Blua

Minha história é linda, e, a de papai e mamãe, certamente, é fantástica, por isso resolvi contar minha história de vida neste livro que, certamente, você, leitor, vai amar saber quem é o FRED.

EU SOU O FRED.

Pode perguntar que te responderei com muito orgulho. Antes pense bem, analise com cuidado e me responda:

- Quem sou eu nesta foto? Uma pergunta um tanto quanto fácil. Se você tem bom gosto, saberá logo, de cara, que eu sou o mais bonito da trinca kkkkkkkk; assim fica fácil responder qual é o Fred.



Irmãos Blua

Saudades dos meus irmãos; por onde será que eles estão, será que estão bem? Eu agora sou o Fred. Eu nasci com esta pelagem de cor diferente. Mas, eu soube pela Dra. Veterinária, que cuida

de mim e ela disse a meus pais, que, com o passar do tempo, minha pelagem mudaria de cor, assim como as dos meus irmãos.

Dito e feito. Hoje, meus lindos e sedosos pelos, mudaram de cor; adoro minha pelagem, mas confesso, que a cor em que nasci, também era bem bacana, muito bonita, e eu gostava bastante.

Mas, vamos continuar falando do início de tudo, dos meus primeiros dias de vida. Pois bem, os dias foram passando e eu me sentia meio fora da curva; sentia que aquela mulher, que era nossa detentora, uma senhora simpática chamada Tina. Eu tinha minhas dúvidas, quanto a ela gostar de mim, assim, como gostava dos meus outros irmãos.

Para ser bem sincero, eu acho que ela não gostava era de nenhum de nós, ela só bajulava meus pais, para que eles dessem a ela, filhotinho, assim como eu e meus irmãos. Isso, para que ela pudesse faturar alguns trocados, nos vendendo e engordando a conta bancária dela.

Digo isso porque eu comecei a perceber, com o passar dos dias, que ali, havia um interesse. Ela, todos os dias, pegava um aparelho desses que os humanos chamam de celular e ficava um tempo conversando, não sei com quem. Só sei que me parecia que cada dia ou cada ligação era para humanos diferentes, e, nestas conversas, ela nos oferecia, por uma quantia, a quem se interessasse, a adotar um filhote de shih-tzu.

Eu comecei a ficar desconfiado que ela quisesse mesmo era se ver livre de nós, a cada dia que passava.

Dentre as conversas, eu via e ouvia-a fazer referência a mim, de forma indiferente, mas dava ênfase, sempre, para meus irmãos, dedicando a eles sempre uma boa impressão; meus irmãos estavam sempre em primeiro plano; sem contar, que ela fazia ques-



O cachorro é a única coisa que ama mais você do que ama a si mesmo.

tão de dizer, que eles eram lindos e que valiam mais. Só porque eram maiores, e, eu o fundo do tacho, ela achava que não tinha tanto valor.

Sabe, isso me entristecia! Afinal que culpa eu tinha, de ter nascido menor que meus irmãos. Cara, eu era cachorro, assim, como eles também eram; então, porque eu era desprezado, era muito chato isso, você não acha?

Um dia, vi a Tina tão eufórica, parecia feliz, quando encontrou um comprador para um dos meus irmãos, e, logo no dia seguinte, já achou outro interessado no outro irmão.

Humanos que desejavam adotar um filhote de cachorro de raça. A filha da p. ... recebeu uma grana boa por eles, e nem para comprar uma casinha para mim e minha mãe, a malvada não foi capaz de fazer isso. Eu e meus irmãos, ainda pequenos, dormíamos em uma casinha de madeira, coberto com uma folha de zinco.

À noite até que dava para ficar lá dentro, agora de dia, meu Deus! Era um calor de arrancar o coro. Sem contar que a danada da Tina, dava uma comida de porco para nós, aquilo não era comida de cachorro, nunca.

Eu fiquei muito triste, quando vi que ela recebeu dinheiro na venda dos meus irmãos. Por vários motivos eu me entristeci, primeiro, porque eu iria ficar sem meus irmãos queridos, segundo porque, com quem eu ia brincar; a mamãe brincava pouco com a gente, coitada porque vivia cansada, dormia mal, comia mal, e ainda tinha que nos amamentar.

Papai era um verdadeiro cachorro, vivia pelo mundo, não tinha tempo para nós, então, quando estávamos nós, os três irmãos, a gente, ou melhor, os cachorros, brincávamos bastante, nos divertíamos muito, mas, quando meus irmãos fossem embora, com quem eu ia brincar?

Outro motivo que me chateava, era que a Tina não se importava conosco, jogava comida no chão e mamãe tinha que se virar, para comer aquela comida jogada, de qualquer jeito, no chão sujo. Eu e meus irmãos, ainda não comíamos comida, por enquanto só mamávamos, nas tetas da mamãe. Nós, às vezes, queríamos entrar na casa da Tina para brincar, fazer umas artes, e ela logo gritava:

-Saíam daqui seus cachorros! Cho, vão lá para fora.

Se estava sol, o quintal dela não tinha sombra, nós que virássemos, procurando sombra, encostando-se ao muro; se chovia, nossa casinha de madeira, coberta com zinco, era bem apertada para todos nós e mesmo estando lá dentro, molhava sempre um pouco, já que a Tina não tinha o cuidado, de virar a porta da nossa casinha, contra o vento. Então, normalmente, nós nos molhávamos, mesmo estando dentro da pequena casinha, e mamãe nos protegendo, como ela podia; aquilo tudo era uma tristeza só.

Outra coisa que me chateava, era que para todos os compradores, que queriam nos adotar, eu sempre era lembrado, que era menorzinho e não muito bonitinho.